

ALENCAR E CÂNDIDO JUCÁ

Walmirio Macedo
UFF, LLP

A obra de José de Alencar é muito rica para uma reflexão sobre a língua portuguesa.

A época em que viveu era espaço de encontro (ou desencontro) de novas concepções orientadoras de estudos linguísticos, nos séculos XVII e XVIII, segundo as quais se pregava harmonia absoluta entre a razão e a língua.

Cândido Jucá estudou a sua obra com dedicação e paixão. Com profundidade e erudição.

Jucá — era assim tratado pelos amigos — nasceu no Rio de Janeiro no dia dois de setembro de 1900. Formou-se em direito que era a principal opção na sua época, mas a sua vocação era o magistério ao qual se dedicou por toda a sua vida. Foi professor de português por concurso do Ensino Técnico da então Prefeitura do Distrito Federal, depois catedrático do Colégio Pedro II.

Membro de diversas academias no Rio de Janeiro, como da Academia Brasileira de Filologia, da qual foi presidente por muitos anos.

Camonista emérito, sintaticista de primeira grandeza, deixou sua marca em muitos estudos e colaborações em revistas.

Sobre a obra de Mario Barreto, publicou um índice alfabético crítico na revista *Littera*, trabalho de indispensável e obrigatória leitura.

Sua tese para a cátedra do Colégio Pedro II foi a Gramática de José de Alencar que é o objeto de minha participação neste Colóquio.

Jucá era um leitor especial e atento de escritores portugueses e brasileiros. Dos brasileiros, dedicou especial atenção a Alencar que foi o tema de sua tese.

Nessa caminhada, dedicada e sábia, na obra de Alencar, foi descobrindo, a cada passo, novas marcas do escritor. Tomou a obra na tentativa de fazer um estudo filológico-gramatical.

Observa Jucá que Alencar, sem ser filólogo, caminhou muitas vezes nessa direção. Quando defendeu ponto de vista, baseado em Webster, de que

a língua é um organismo vivo e estava sujeito a vicissitudes naturais e fatais, de forma que, quando duas raças de homem de estirpe comum se separam e se colocam em regiões distantes, a linguagem de cada um tende a divergir por vários modos.

Mas Alencar ressalta Jucá, admitia ainda intervenção individual no aprimoramento e polimento das línguas. Assim, aceita como inelutável a divergência brasileira.

A tese de Jucá foi apresentada em 1949 e tratava da linguagem de Iracema que ele considerava ‘uma obra clássica brasileira’.

Em maio de 1965, quando completava o centenário de Iracema, volta com mais vigor ao assunto, ou, como ele mesmo ele mesmo diz, com mais vagar.

No seu percurso de pesquisador, ou melhor, de leitor pesquisador, procurou observar aspectos lexicológicos, fraseológicos até chegar às relações sintáticas.

Apesar de não concordar com a divisória /fonologia e fonética, morfologia e sintaxe/, para efeitos didáticos, seguiu este caminho como inevitável.

Alencar, no seu testemunho, como assíduo frequentador dos clássicos portugueses, também assíduo consulente das nossas crônicas, não desprezava a saborosa linguagem da gente rude a qual, na sua rudez e bronquite, é a artesã genial daquilo que há de mais sutil e pasmoso (sic).

Jucá lamenta que os livros de Alencar estejam prenhes de erros tipográficos, coisa de que ele próprio se queixava muito.

Na sua caminhada pela obra, começou pela fonética, incluindo os problemas ortográficos.

Quanto à grafia da preposição /a/, observou o hábito de usar sempre grafado com acento agudo. Levantou a hipótese de que o sinal gráfico tem neste caso a virtude de evitar ambiguidades. O próprio Alencar declara que o artigo /a/ e a preposição /a/ não se confundem na pronúncia, comentando que o artigo é sempre reduzido e apresenta uma tendência vitoriosa em Portugal de fechar-se em /a/, semelhante ao /ã/ francês.

Diz Jucá que, quando um português escreve/morrerá à fome/ (Camilo), ou um navio à vela, ou entrar á pressa, acentua o /a/, não porque suponha uma crase, pois sabe que se trata de uma preposição pura.

Assim procedia Alencar.

Outra observação diz respeito a uma de suas marcas.

Alencar distinguia a primeira pessoa do plural do presente do indicativo e a do pretérito perfeito: amamos e amamos, diferença presente até hoje na fala portuguesa e até preservada, em caráter opcional; pelo Acordo Ortográfico.

As formas dos numerais dezasseis, dezassete, são preferenciais de Alencar.

A expressão pouco a pouco perde em frequência para /pouco e pouco/.

Nota-se ainda uma nítida preferência pelo uso da terminação /a/ nos nomes origem grega: Afrodita por Afrodite, *heroída* por *heroíde*, entre outros.

As formas *projétel* e *réptil* perdem na sua preferência para as oxítonas. A língua atual aceita as duas formas e os respectivos plurais.

Um caso interessante é o do superlativo relativo *o mais...* que os gramáticos consideram galicismo sintático quando se repete o artigo tipo *o menino o mais inteligente de todos...* Alencar usa com frequência e Jucá dá uma lição de sapiência defendendo esse emprego.

Jucá procura provar, para justificar o emprego, que a partícula introdutória do superlativo não é funcionalmente artigo e que exatamente por isso necessita de vir explícita e que a definitiva prova é que é empregada se esse superlativo é um advérbio: *A mulher gira o mais depressa possível.*

No campo da concordância, registra casos com o verbo *haver*, pessoal, com o significado de existir.

Em artigo publicado na Revista filológica, intitulado “Um caso de concordância”, Jucá arrola mais de 60 casos desse tipo, justificando a sua construção. Não há espaço aqui para discorrer sobre o conteúdo do artigo.

Outro caso curioso, no campo da concordância, é o do sujeito composto de diferentes pessoas. A frase de Alencar *Não, ele e tu servem para combater homens* tem a companhia de Bernardes em *Se Deus e mais tu o fizeram*, ou de Camilo em *se tu e outros não me chamassem de covarde*. E assim vai na farta exemplificação.

No plano da regência, diz Jucá que Alencar apresenta perfeita consonância com as normas gramaticais.

Outro caso citado por Jucá é o emprego de *ele* como objeto direto, fato que ocorre até em Machado de Assis.

Cita ainda o caso de *lhe* por *o*, ressaltando que é para evitar ambiguidade. Esse fato é comum na fala coloquial do brasileiro.

O espaço é pequeno. Nosso objetivo é motivar a todos para a leitura do texto de Jucá e, conseqüentemente da obra desse grande escritor que foi José de Alencar.